

O futuro do consumo no centro da cidade, visto a partir das mudanças recentes na Baixa do Porto.

RIO FERNANDES¹, José A.; CHAMUSCA², Pedro

¹ Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território; Via Panorâmica, s/n 4150-364 Porto; jariofernandes@gmail.com

² Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, pedrochamusca@ics.uminho.pt

Resumo: Muitas cidades viveram uma crise do seu centro que pode ser associada a diversos motivos (massificação do automóvel, internacionalização da economia, generalização da entrada da mulher no mercado de trabalho, ...) com expressões diversas, que variam conforme o contexto e as características de cada uma. Todavia, de forma geral, verificou-se para as cidades de maior dimensão a emergência ou afirmação de vários centros, com o imobiliário a ganhar relevo na construção de uma cidade expandida e fragmentada, nalguns casos a justificar a referência a uma “inversão de centralidades” ou uma “cidade-dónute”, quando a parte mais antiga não apenas perdia população como vitalidade, sucedendo-se o fecho de estabelecimentos comerciais e de serviços, enquanto as novidades comerciais surgiam longe. Foi o caso do Porto até ao início do século XXI (Fernandes, 2020), quando o aumento da importância da população flutuante marcou uma viragem particularmente intensa (Carvalho et al., 2019) relativamente a outras cidades onde o turismo já tinha alguma importância. Estudantes de ensino superior, em primeiro lugar, turistas e outros visitantes, depois, revalorizaram o centro de forma muito intensa, no que foram acompanhados por ações de urbanismo e de investimento privado. Neste processo, o tecido económico alterou-se significativamente, com convivência e tensão entre velhos estabelecimentos de comidas e bebidas e lojas comerciais “tradicionais”, face a novos formatos orientados para uma população flutuante, regra geral com mais elevado poder aquisitivo. Hoje, o centro, dito “Baixa”, deixou de ser buraco de donute para passar a ser recheio de bola de Berlim a transbordar da abertura, tal a quantidade de pessoas a circular (ou em esplanada) em certas horas, em certos lugares; o número de camas em apartamentos de aluguer de curta duração (superior ao de pessoas na freguesia da Vitória, por exemplo) e o preço do solo (10,58 €/m² pelo aluguer na União das freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória, registando um crescimento de 51,6 % face a 2017). Também na atividade económica as mudanças são muito importantes. De 2012 a 2022, cerca de metade dos estabelecimentos conheceu alterações na sua atividade (abertura, encerramento ou alteração do tipo de bens ou serviços comercializados), com um crescimento especialmente intenso dos estabelecimentos orientados para o turista (cafés, restaurantes, alojamentos hoteleiros, ...). Tendo este cenário como base, pretendemos considerar os efeitos da digitalização da economia nos centros de cidade. Desde logo, a partir dos sinais da especialização dos estabelecimentos no Porto. Quantos existem no centro da cidade que vendem eletrodomésticos ou outros materiais que esperamos que nos tragam a casa? Depois, a propósito do papel de showroom de muitas lojas, onde se vê o que se compra depois na Internet; por fim, a propósito de uma certa “desretalhização” dos centros. Porque, se o centro é cada vez mais orientado para os flutuantes (e vivido por eles), não estamos a ter / iremos ter centros cada vez mais para comer, beber e tirar fotografias?

Palavras-chave: Porto; comércio e restauração; transição digital.

Referências:

Carvalho, L., Chamusca, P., Fernandes, J., & Pinto, J. (2019). Gentrification in Porto: floating city users and internationally-driven urban change. *Urban Geography*. <https://doi.org/10.1080/02723638.2019.1585139>
Fernandes, J. (ed) (2020). *Geografia do Porto*, Book Cover.